

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. *Colonizador-colonizado: uma relação educativa no movimento da História*. Belo Horizonte, UFMG, 1985. 260 p.

#### DE MINAS — com rigor e emoção

Numa frase crudelíssima, Alceu Amoroso Lima escreveu que "a montanha é, sobretudo, a limitação do horizonte." E Minas Gerais, como se sabe, está no meio de montanhas: é um estado mediterrâneo. Pode-se partir, daí, para uma porção de desvios filosóficos. Serão os mineiros limitados? Ensimesmados por causa dos "muros" que os cercam. Introspectivos e sisudos por vocação natural e condicionamento geográfico? E o que acontece quando rompem as barreiras e vão mostrar o resultado de seu trabalho em outras cortes e metrópoles? Este livro da Prof<sup>ª</sup> Eliane Marta, mineira, de Belo Horizonte, é um pedaço da resposta.

Nascido como tese de doutoramento da autora na USP, em 1984, ele consegue transcender a maior parte dos trabalhos dessa natureza, na área de Ciências Humanas, que termina ficando no interior do restrito horizonte acadêmico. Está fartamente fundamentado em documentação e embora tenha sido gerado na academia, sua linguagem é leve e sua abordagem agradável não abre mão da sensibilidade.

A obra procura analisar dialeticamente a relação básica na sociedade colonial que é a existência de um colonizador e de um colonizado, ou seja, de um dominador e de um dominado. Esta relação que se estabelece é também uma relação política e educativa que gera no próprio processo os seus contrários: o colo-

nizador ao educar o "mineiro" para a submissão educa-o, por contradição, para a rebelião que, por sua vez, acaba também por educar o colonizador ao recuo nas suas ações mais selvagens e despóticas. É a própria autora quem afirma: "É, sem dúvida, uma relação educativa que se dá no plano do histórico possível" (p. 209). Num extremo o colonizador, noutro o colonizado. Entre eles, nas Minas, o quinto do ouro e as rebeliões. Novos tempos surgindo. São tempos de riqueza, são tempos de penúria, são tempos de opressão, são tempos de liberdade. É a ambigüidade barroca das Gerais, choques de opostos; a repressão afloando o desejo subterrâneo de liberdade.

Ao estudar os movimentos, motins, sedições ou qualquer outro nome que se dê às lutas contra as atitudes opressivas da metrópole ocorridas nas Minas no século XVIII, tem-se um retrato de brasilidade que Eliane Marta vai traçando para evidenciar que a independência nacional foi resultado de uma série de ações históricas que num processo contínuo de resistência, nas suas formas mais variadas, vão impulsionando a consciência do colonizador para a formação da consciência nacional.

A perspicácia das análises apresentadas, a pertinência do tema, a fuga aos esquematismos em favor da profusão dos estudos concretos são atrativos à leitura, mas é sobretudo o belo casamento da História

com a Literatura que faz a singularidade desse livro.

A história real e concreta vivida pelos homens não está desvinculada da leitura da realidade feita pela literatura. Suas fronteiras são permeáveis e o intercâmbio entre elas é constante e embora raro de se conseguir nesse livro o desafio foi vencido. Abrir os vãos da história através da palavra, na palavra, comprova que a ciência histórica pode emergir, na sua exposição, como poesia e que a presença do espírito dionisíaco no texto não exclui o rigor do espírito apolíneo. Tanto a fala forte do Riobaldo de Guimarães Rosa,

como os relatos do Conde de Assumar e as poesias de Cecília Meirelles e Fernando Pessoa, inteligentemente inseridos no corpo do trabalho, são peças fundamentais ao entendimento do texto e dele não se desligam em momento algum. Profunda sem ser maçante. Com rigor científico e emoção. Tudo isso faz dessa leitura argumento a favor de Guimarães Rosa quando ele diz que "sua companhia me dá altos prazeres".

Garantidamente, vale a pena.

**Maria Teresa Santos Cunha**